

# Mercado S/A



**AMAURI SEGALLA**  
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

“O investidor está mais jovem, faixa em que a predisposição para tomar riscos e a esperança de embolsar ganhos rapidamente são maiores”

## Mais maduro, investidor abandona caderneta de poupança

Os altos e baixos da renda variável não alavancaram os aportes na poupança. Em janeiro, os saques em caderneta superaram os depósitos em R\$ 19,6 bilhões, segundo o Banco Central. Trata-se da maior saída líquida para qualquer mês da série histórica, calculada desde janeiro de 1995. O movimento não é de hoje. Em todo o ano passado, a poupança teve captação negativa de R\$ 35,4 bilhões. Para educadores financeiros, número como esses refletem a maior maturidade dos investidores.

## Com home office, escritórios serão menores e mais agradáveis

Dados da consultoria Newmark mostram o impacto do home office para o mercado corporativo de imóveis. Em 2021, empresas brasileiras devolveram 290 mil metros quadrados de escritórios alugados, um recorde. Em 2020, o número já havia sido elevado: 273 mil metros quadrados. Segundo especialistas do ramo, jamais houve vacância tão alta no setor. Não significa, porém, que os espaços corporativos sumirão por completo. Na verdade, a tendência é que transmitam a sensação de bem-estar aos funcionários.

## Mudanças na bolsa: investidor está mais jovem, e há mais mulheres no mercado

Nelson Almeida/AFP - 22/2/21

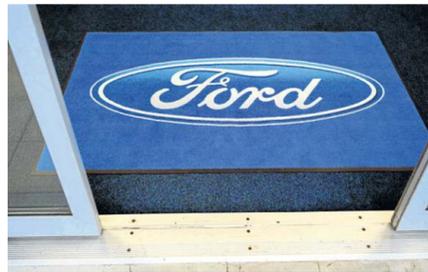


O perfil dos que investem na bolsa brasileira mudou nos últimos anos. Desde 2016, a idade média do cliente pessoa física caiu de 48,7 anos para 37,9 anos. Dos 5 milhões de contas abertas em corretoras, 62% pertencem a pessoas com menos de 40 anos e 12% são de jovens com até 24, de acordo com dados atualizados da B3, a bolsa de valores de São Paulo. Trata-se, portanto, de uma transformação relevante. O investidor está mais jovem, faixa em que a predisposição para tomar riscos e a esperança de embolsar ganhos rapidamente são maiores — fatores que, combinados, podem levar a grandes decepções. Também está mudando o perfil de gênero. Os homens ainda são dominantes, mas as mulheres avançam em ritmo acelerado. No fim de 2018, as investidoras tinham 180 mil contas registradas e autorizadas a operar. No fim de 2020, o número chegou a 810 mil. Agora, há 1,2 milhão de contas de mulheres na B3.

## Após reestruturação, Ford lucra US\$ 10 bilhões

A reestruturação global da Ford, que levou inclusive ao fechamento de sua operação no Brasil, começa a trazer resultados efetivos. Em 2021, as receitas da empresa totalizaram US\$ 136,3 bilhões, valor 7% maior do que o obtido em 2020. A empresa fechou o ano no azul, com lucro de aproximadamente US\$ 10 bilhões. O melhor desempenho veio da América do Norte, o seu principal mercado, que respondeu por US\$ 7,3 bilhões dos lucros. No ano passado, a Ford vendeu 3,9 milhões de carros no mundo

Paul Ellis/AFP



**Estamos mantendo a calma e tentando descobrir isso. Pode ser efeitos da covid. Pode ser que estejamos pressionando um mercado menor do que pensávamos. Mas não tenho certeza do porquê”**

**Reed Hastings**, fundador e presidente da Netflix, ao comentar os fracos resultados financeiros da empresa

**26%**

das empresas brasileiras sofreram ataques cibernéticos nos últimos 12 meses, segundo pesquisa realizada pela BugHunt, plataforma especializada em segurança digital.

## RAPIDINHAS

**O livro Quanto Vale Cada Real Investido em Saneamento no Brasil, escrito por Rafaella Lange e Juliana Almeida Dutra, especializadas em projetos socioambientais, traz alguns dados interessantes. Por exemplo: cada R\$ 1 investido em saneamento básico no país gera R\$ 29,19 em benefícios sociais aos cidadãos.**

A alta dos juros e a crise econômica deveriam prejudicar o crédito imobiliário, certo? Nem tanto. Em janeiro de 2022, o volume de recursos próprios concedidos pela Caixa Econômica Federal dobrou em relação ao mesmo mês de 2021, passando de R\$ 5,8 bilhões para R\$ 11,6 bilhões. A Caixa concentra 70% dos financiamentos de imóveis no país.

**A Universidade Ludwig-Maximilians (LMU), na Alemanha, foi autorizada pelas autoridades a produzir porcos para o transplante de coração em pessoas. A ideia é que os animais estejam prontos para a sua missão em 2025. Em janeiro de 2022, pela primeira vez, cirurgiões americanos transplantaram o coração de um porco em um humano.**

A iniciativa abre nova frente de negócios: a produção de animais com o fim específico de fornecer órgãos para humanos. Como não poderia deixar de ser, o anúncio da universidade alemã despertou a fúria dos defensores dos direitos dos animais, que desejam impedir que o projeto seja levado adiante. O debate está só começando.

## CORREIO TALKS

# Foco nos moradores do campo

O evento Sistemas Alimentares e Desenvolvimento Sustentável vai discutir, na próxima quarta-feira e com transmissão on-line nas redes sociais do jornal, a situação de produtores que sofrem com insegurança alimentar, entre outros assuntos

» TAINÁ ANDRADE

Os dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), de 2021, indicam que no Brasil há cerca de 116,8 milhões de pessoas, ou seja, 55,2% da população, passando por situação de insegurança alimentar — que é quando há uma indisponibilidade ao acesso de alimentos ou quando as pessoas finalizam o dia sem realizar as principais refeições. Uma parcela desse contingente, o equivalente a 12%, são de moradores do campo. Entre eles, a fome para os agricultores

familiares, é um problema que atinge 14,3% da categoria, sendo que 65,2% apresenta algum nível de insegurança alimentar.

Enquanto isso, o Brasil tem o título de importante produtor de alimentos e capacidade para prover a demanda do mercado interno, mas os próprios produtores não são abastecidos em sua própria alimentação. Esse será um dos temas discutido no evento *Correio Talks — Sistemas Alimentares e Desenvolvimento Sustentável*, na quarta-feira, às 15h30, e poderá ser acompanhado pelas redes sociais do *Correio Braziliense*.

O estudo produzido pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) mostrou que a lógica



**A política pública para a agricultura familiar deve ser baseada em subsidiar os insumos necessários para produção e criar mecanismos para que seja escoada”**

**Rodrigo Agostinho (PSB-SP)**, deputado federal

agrícola praticada, hoje, faz com que “o papel do modelo hegemônico de sistemas alimentares na produção de alimentos de baixa qualidade, no agravamento das desigualdades sociais e na depredação ambiental (é) incentivada, por meio das políticas públicas, é hegemonicamente orientada para a

produção de commodities”.

É possível pensar em uma forma mais sustentável de produção de alimentos, mas, para isso, a agricultura familiar deve ser vista como uma parceria. “Tem uma série de formas de produção que podem ser menos impactantes. Mais de 70%

dos alimentos que chegam à mesa vêm da produção familiar, mas o que o governo passa pra essa agricultura é muito pouco. A gente sabe que consegue fazer a produção de outra forma, com mais diversidade, mais recursos. Mas para reverter isso é preciso fazer o oposto, investir em uma produção mais sustentável”, disse Potira Preiss, pesquisadora no Grupo de Estudos em Agricultura, Alimentação e Desenvolvimento.

Um dos convidados do painel, o deputado federal Rodrigo Agostinho (PSB-SP), ex-coordenador da frente parlamentar ambientalista no Congresso, explica que o modelo agrícola de produção de

contêineres faz mais sentido para os outros países do que para o Brasil. Para ele, para resolver o desequilíbrio em relação à agricultura familiar o governo deveria se voltar em tornar mais sólidas as políticas públicas com foco no pequeno produtor.

“Na agricultura convencional, o governo oferece crédito barato, subsídios para sementes, para produtos veterinários, para compra de ração, para compra de adubos químicos, de agrotóxico. A política pública para a agricultura familiar deve ser baseada em subsidiar os insumos necessários para produção e criar mecanismos para que seja escoada”, avalia.

## SISTEMA FINANCEIRO

# Caixa se aproxima do agronegócio

» FERNANDA STRCKLAND

A Caixa Econômica Federal deu um passo importante para se aproximar do agronegócio. O presidente do banco, Pedro Guimarães, passou a conhecer as safras pessoalmente e, na semana passada, visitou cidades do interior do Tocantins e do sudeste de Goiás. Ele visitou fazendas e comunidades carentes. “Reforçamos nossa atuação no agro, onde já passamos do oitavo para o terceiro lugar nos últimos 12 meses e, em breve, chegaremos ao segundo lugar. Foco no segmento de menor renda (Pronaf e Pronamp) e nos investimentos, como em Silos, Irrigação e correção do solo.”

Guimarães também participou do 129º Caixa Mais Brasil, em

Cristalina (GO). “Foi mais uma excelente visita a uma propriedade de agro. Estamos avançando de modo consistente e matemático no financiamento da agropecuária”, disse. “Vamos participar, pela primeira vez, de uma feira agro nesta semana, em Cascavel, Paraná. Isto demonstra o nosso foco no agro e vamos participar em diversas outras feiras neste ano.

O presidente da Caixa acredita que experiências como essa são essenciais para mostrar a importância da aproximação com a população brasileira. “Fica claro como é importante visitar as comunidades. Sair de Brasília e viajar pelo Brasil, em especial no interior e nas regiões mais carentes.”

Segundo o presidente da instituição, se a Caixa permanecer

no atual ritmo de evolução, o banco deverá tornar-se líder no segmento na América do Sul até 2024 em relação ao crédito para o agronegócio. Guimarães disse ainda que o banco “saiu na frente” com essas linhas de crédito e vai “fazer história”, porque, na visão dele, o setor de pesca é promissor. “A agricultura é o motor da economia do Brasil, mas eu vou falar de algo que não tenho dúvida. Eu estudei 15 anos de economia e afirmo: mais do que a agricultura, se existe um segmento do Brasil que fará nos próximos 100 anos a diferença, é a piscicultura”, afirmou.

Na semana passada, a Caixa anunciou o lançamento de linhas de crédito destinadas a pescadores artesanais enquadrados no

Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Essas linhas de crédito, que estão disponíveis na modalidade custeio, são financiamento de despesas relacionadas à captura do pescado e à conservação das embarcações e equipamentos, e também na modalidade investimento, destinada à aquisição e reforma de máquinas e equipamentos e à construção ou ampliação de benfeitorias.

Já o crédito imobiliário dobrou em janeiro, em comparação com o mesmo mês de 2021, mesmo com a alta de juros nos últimos meses. O volume de concessões de financiamentos com recursos próprios saltou de R\$ 5,8 bilhões em janeiro de 2021 para R\$ 11,6 bilhões no mês passado.

Caixa/Divulgação



**Guimarães conversa com produtores rurais: Caixa avança no agro**